

O vulto de Hölderlin

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "O vulto de Hölderlin", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 377-382.

O VULTO DE HÖLDERLIN

UM fio, um ligeiro mas terrível fio de fatalidade e desventura une os destinos do poeta inglês de quem aqui falámos na última emissão e do poeta alemão de quem hoje vamos falar. Com efeito, William Blake, em virtude daquele seu visionarismo que então apontámos, foi frequentemente acusado de loucura e, segundo certos testemunhos que aliás nunca se confirmaram, teria mesmo passado num hospício alguns dos últimos anos da sua vida; e Hölderlin, por seu turno, enlouqueceu aos trinta e seis anos e, a partir de então (durante mais outros tantos trinta e seis anos!), foi considerado definitivamente irrecuperável. Por outras palavras: o que num deles não passou de mera presunção por parte dos contemporâneos, no outro veio a ser, e do modo mais dramático, um facto irrecusável e assente. Mas todos sabemos hoje, é claro, depois das conquistas da psicanálise e da psiquiatria, depois também dos trabalhos de um Michel Foucault, como a loucura foi em muitos casos — e continua a ser — uma projecção e um alibi da própria sociedade, nas suas formas mais repressivas, a exercer-se sobre o indivíduo singular, desadaptado, diferente. E todos sabemos igualmente como é muitas vezes a própria sociedade, ao isolar, ao segregar o indivíduo em questão, quem afinal o confina numa loucura irremediável. Este terá sido, até certo ponto, o caso de Hölderlin.

Mas comecemos pelo princípio (ou quase): Hölderlin aos dezasseis anos de idade. Aparentemente, um adolescente como qualquer outro da sua época. No entanto, só aparentemente: aos dois anos tinha-lhe morrido o pai, que exercia funções meio eclesiásticas meio civis como administrador de um mosteiro, e cuja memória ele haveria sempre de venerar, através da imagem, sobretudo, em que ele perdurava na lembrança da mãe — a qual, por sua vez, tinha depois casado em segundas núpcias e voltado a ficar viúva quando o pequeno Johan Christian Friedrich contava apenas nove anos. Nascido na Suábia, em 1770, nesta pequena casa, Johan Christian Friedrich Hölderlin começou pois a sentir bem cedo, em virtude dessas duas mortes que atingiram o lar da sua infância, aquilo a que chamaria a sua «tendência para o luto». Depois, na adolescência, em Tubinga, os estudos eclesiásticos para que o destinaram (aqui temos justamente o «*Stift*» de Tubinga, escola superior de teologia, onde viveu durante cinco anos) ainda mais acentuaram a gravidade do seu comportamento e do seu carácter. Mas, em vez

da carreira de clérigo protestante (era a que a mãe desejava), Hölderlin tornou-se preceptor de meninos ricos em ricas casas patricias, como esta — do banqueiro Gontard, em Francoforte-sobre-o-Meno — onde aliás encontraria, na pessoa da própria dona da casa e mãe do seu educando, a grande paixão da sua vida, a elevada inspiradora da sua obra — à qual deu o nome e os traços ideais de Diotima, a personagem feminina do diálogo *O Banquete* de Platão, que é afinal quem, nessa obra, melhor exprime a concepção platónica do amor. E dessa mesma concepção o próprio poeta nos fala nos seguintes versos:

*Queríamos separar-nos, tínhamos isso por bom e sensato;
Quando o fizemos, porque nos assustou, como homicídio, a acção?
Ai! pouco nos conhecemos,
Pois em nós reina um Deus.*

É que houve, efectivamente, uma separação. Por mais platónicas que fossem as relações de Hölderlin e da sua Diotima, o banqueiro Gontard acabou por se exasperar e por expulsar lá de casa o nosso poeta. Isto passava-se em 1798 e, a partir de então, começa, para Hölderlin, um período de errâncias e deambulações, de perplexidade e de declínio — até que, oito anos mais tarde, inteiramente se isolará na loucura. Mas este período — o do grande amor e o dos anos que imediatamente se lhe seguiram — seria o período áureo da sua criação poética. A essa alta experiência do amor sentia ele que ficara a dever o melhor que havia em si; e por isso mesmo se espantava muito de as outras pessoas o não entenderem:

*Não é meu coração sagrado e cheio de mais bela vida
Desde que amo? Porque é que mais me estimáveis
Quando era mais orgulhoso e brutal,
Mais verboso e mais vazio?*

*Ai! à turba agrada o que é bom pra o mercado,
E o servo só sabe honrar o violento;
No divino só crêem
Aqueles que o são.*

Esta certeza da divindade que o habitava — do Deus que reinava dentro dele — inevitavelmente o haveria de afastar da maior parte dos seres com quem convivia e haveria mesmo de o levar a esta confissão: «Jamais compreendi as palavras dos homens. Cresci nos braços dos deuses.» Isto levá-lo-ia, por outro lado, a criar dentro de si a imagem de uma Grécia ideal, de uma pátria perfeita de onde se sentia permanentemente exilado — embora nunca a tivesse visto senão em sonhos. Assim, até diante de um rio da sua terra natal — o Meno —, Hölderlin tratava só de evocar as paisagens dessa outra terra distante mas mais sua:

*Bem desejava eu ver muitos países
Da Terra viva, e às vezes por sobre os montes
Me foge o coração, e os desejos erram
Além do mar, para as praias*

*Que me são queridas ante todas que eu conheço;
Mas amar não amo nenhuma na distância
Tanto como aquela onde os filhos dos deuses
Dormem, a terra enlutada dos Gregos.*

*Ai! desejaria aportar um dia à costa
De Súnion, às tuas colunas, Olympion!,
Perguntar, ali, ainda antes que o vento norte
Te sepulte a ti também no entulho dos templos*

*Dos Atenienses e das estátuas dos seus deuses;
Pois há muito já que estás sozinho, ó orgulho
Do mundo que já não existe! — e vós, ó belas
Ilhas da Iónia, onde os ares*

*Sopram frescos do mar contra as margens quentes,
Quando a uva amadurece sob o forte sol,
Ai! onde um outono de ouro muda
Em cânticos os suspiros do pobre povo,*

*Quando os turbados agora convida o bosque
De limões e a romanzeira, cheia de purpúreos pomos,
E o doce vinho e o tambor e a cítara
À dança labiríntica —*

*Talvez um dia, ó Ilhas!, vá ter convosco
Um poeta sem pátria; pois ele tem de errar
De estranhos para estranhos, e a
Terra livre tem, ai dele!,*

*De lbe servir de pátria, enquanto vivo for
E quando morrer — mas nunca te esqueço a ti,
Por mais longe que erre, ó belo Meno!, e
As tuas margens, tão cheias de ventura.*

*Hospitaleiro me acolbeste, Altivo!, junto a ti
E alegraste o olhar do forasteiro,
E cânticos calmos e dolentes
Me ensinaste e vida sem ruído.*

*Oh! calmo com as estrelas, ô feliz!,
Vagueias da tua manbã para a tarde,
Ao encontro do irmão, o Reno; e depois com
Ele alegre para o Oceano, lá em baixo!*

No entanto, em relação a alguns lugares privilegiados da sua pátria real, Hölderlin era capaz de evocá-los ou registá-los com extrema precisão e, ao mesmo tempo, com uma expressão tão diáfana, tão alada, tão misteriosamente imponderável que por completo os transfigura sem contudo os desfigurar. Isso acontece, por exemplo, no seguinte poema sobre Heidelberg que ainda hoje nos poderia servir como uma espécie de mágico roteiro para uma rápida visita a esta belíssima cidade:

*Há tanto tempo que te amo já, e gostaria, pra alegria minba,
Chamar-te mãe e ofertar-te uma canção sem arte,
Ó tu, das cidades da pátria
A mais rusticamente bela de quantas vi.*

*Como a ave dos bosques voa sobre os cumes,
Assim sobre o rio, ao passar brilhante por ti, se lança
Leve e forte a ponte
Que ressoa de carros e homens.*

*Como enviado dos deuses, um encanto me prendeu
Um dia à ponte, enquanto passava,
E pra dentro dos montes
Me brilhava a lonjura atraente,*

*E o jovem rio se internava na planície,
Triste-alegre, como o coração, quando, a si por demais belo,
Para morrer amando
Se atira pra as torrentes do tempo.*

*Fontes lbe deras, deras ao fugitivo
Frescas sombras, e as margens todas
C'o olhar o seguiam, e das ondas
Tremia a sua graciosa imagem.*

*Mas pesado para o vale pendia o gigantesco
Castelo provado do destino, rasgado das tormentas
Até aos fundamentos;
Mas o sol eterno vertia*

*A sua luz rejuvenescente sobre a decrépita
Imagem gigantesca, e em volta verdejava*

*Hera viva; bosques amenos
Sussurravam por sobre o castelo.*

*Tufos de flores pendiam até onde no vale ridente,
Encostadas à colina ou inclinadas pra a margem,
As tuas alegres vielas
Entre jardins rescendentes repousam.*

Chegados a este ponto, importa (ou melhor: urge) esclarecer que todas as traduções apresentadas nesta emissão são da autoria do Professor Paulo Quintela, mestre exemplar e modelo de germanistas — a quem ficaria bem um título como o de «benemérito da Poesia», se acaso títulos como estes ainda estivessem adequados ao tempo em que vivemos. Mas é de toda a justiça sublinhar que o modo como ele revelou, entre nós, poetas como Hölderlin e Rainer Maria Rilke — para já não falar de um Goethe, que também tanto lhe deve — enriqueceu profundamente, e alterou mesmo de maneira insuspeitada, o próprio curso da poesia portuguesa contemporânea. Por isso mesmo não admira que um grande poeta dos nossos dias — que é aliás, para mim (e muito gostosamente o afirmo), o maior de todos os nossos grandes poetas vivos, além de ser também o maior dos nossos romancistas — refiro-me, evidentemente, a Vitorino Nemésio —, ao escrever um admirável poema sobre Hölderlin, o tenha expressamente dedicado a Mestre Paulo Quintela. E parece-me que a leitura desse poema de Vitorino Nemésio será, por conseguinte, o melhor modo de terminar esta emissão sobre o grande poeta cujo vulto mais não fizemos que entremostrear:

*O íntimo dos deuses e das fontes,
Divino louco, amado de astros, amplo
Amante e mago de eras e horizontes:
Para tudo dizer — Hölderlin, prumo do templo,
Tocou fímbrias de lume nas palavras,
Deu sua mão incauta às quedas:
Cobrindo de semente etéreas lavras,
Teve dedos pra o grão na haste das medas.
Seu destino de sangue o aparelhou
Como à nau que se afunda ou desarvora
Ébria de sal e vento.
A Terra lhe foi dura, o Mar o amou:
Por isso a gota de água clara chora
Nos versos que entoou
E neles demora
Um eterno momento.*

*Amigo que trouxeste à nossa voz
O seu indecifrado chamamento,
Bem hajas de todos nós,
Tão pobres sem o novo sentimento.
Pois só no rigor a fogo
Das palavras exactas e sofridas
Abre o estame de amor, pólen do Logo,
Que é maneira de Deus com nossas vidas.*